

Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Educação Física
Curso de Graduação Licenciatura em Educação Física

ANÁLISE DO ENSINO DAS LUTAS EM ESCOLAS PÚBLICAS
NO DISTRITO FEDERAL

Alyson da Fonseca Silva
13/0005045

Brasília, 2021

Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Educação Física
Curso de Graduação Licenciatura em Educação Física

ANÁLISE DO ENSINO DAS LUTAS EM ESCOLAS PÚBLICAS NO DISTRITO FEDERAL

Alyson da Fonseca Silva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na
graduação em Educação Física da Universidade de
Brasília como requisito para obtenção do grau de
Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Glauco Falcão de Araújo Filho

Brasília, 2021

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, irmão, avós, namorada, amigos, familiares e mestres.
Pelo amor, apoio, incentivo e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao Deus Pai, Filho e Espírito Santo, pelo dom da vida.

Sou grato aos meus pais, Valdecir Ribeiro Silva e Rosângela Moura da Fonseca Silva, por todo amor e dedicação que empenham a mim ao longo dos últimos 26 anos.

Ao meu irmão, André da Fonseca Silva pela companhia e amizade.

Aos meus avós maternos, Bonifácio e Marizete, e avós paternos Corina e Virgílio (*in memoriam*) pelo auxílio e cuidado nas eventuais ausências dos meus pais.

A todos os amigos e familiares que, embora não citados nominalmente, são parte da minha vida.

Agradeço ao meu orientador, Professor Glauco Falcão de Araújo Filho, pela paciência, apoio e orientação ao longo do curso. A todos os professores da graduação em Educação Física da UnB pela contribuição em minha formação.

Agradeço também a todos os colegas de profissão integrantes da rede pública de ensino, pela contribuição direta e indireta na coleta de dados e realização do trabalho.

Aos participantes do estudo, que ofereceram voluntariamente tempo e paciência.

*“Melhor é o homem paciente do
que o guerreiro, mais vale
controlar o seu espírito do que
conquistar uma cidade”.*
Bíblia Sagrada, Provérbios 16:32.

Sumário

Resumo	7
Palavras chaves.....	7
Introdução.....	8 - 11
Objetivo geral	11
Objetivo específico	11
Métodos	12 - 14
Delineamento do estudo e amostra.....	12
Procedimentos para coleta de dados	13
Cuidados éticos	13
Procedimento Inquiridor.....	13
Análise estatística	14
Resultados	15 - 22
Gráfico 1	15
Gráfico 2.....	16
Gráfico 3.....	16
Gráfico 4.....	17
Gráfico 5.....	17
Gráfico 6.....	18
Gráfico 7.....	18
Gráfico 8.....	19
Gráfico 9.....	19
Gráfico 10.....	20
Tabela 1	21
Gráfico 11.....	22
Gráfico 12.....	22
Discussão	22 - 26
7 Conclusão	27 - 28
Referências	28 - 29
Anexos	30 - 37

Análise do ensino das lutas em escolas públicas no Distrito Federal

Quantidade de palavras: 7.288

Artigo Original**ANÁLISE DO ENSINO DAS LUTAS EM ESCOLAS PÚBLICAS
NO DISTRITO FEDERAL****ANALYSIS OF THE TEACHING OF FIGHTS IN PUBLIC SCHOOLS IN THE FEDERAL
DISTRICT****Alyson da Fonseca Silva¹, Glaucio Falcão de Araújo Filho¹**¹ Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília – UnB, Brasília-DF, Brasil.**RESUMO**

Os PCNs entendem a Educação Física (E.F.) como uma cultura corporal, dentre as quais algumas foram incorporadas pela E.F. em seus conteúdos: o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta. O presente artigo tem como foco de análise a temática luta, em seu sentido cultural corporal da humanidade. Definida pelos PCNs como: disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações ofensivas e defensivas. As lutas são conhecidas por promoverem benefícios no desenvolvimento motor, cognitivo e social. Apoiados na filosofia da não agressão e domínio próprio. Permitindo a formação de um ser humano mais integral. O estudo atual teve como objetivo analisar o ensino das lutas em escolas públicas no Distrito Federal (DF). Cinquenta professores de E.F., atuantes no ensino fundamental, foram avaliados por meio de um questionário *online*, produzido na plataforma do *Google Forms*, e encaminhados via *email* aos participantes. Os professores responderam a doze perguntas com encadeamento lógico das respostas, visando constatar a realidade encontrada no DF. Uma análise descritiva foi utilizado para comparar as diferenças entre os grupos, e gerou-se gráficos para cada questionamento. Como resultado central, constatou-se que apenas 40% dos professores avaliados utilizam as lutas na E.F. escolar, ou seja, mais da metade (60%) não ensinam a temática na escola.

Palavras-chave: Lutas. Ensino Fundamental. Educação Física. Escola. Artes Marciais.

ABSTRACT

The PCNs understand Physical Education (E.F.) as a body culture, among which some were incorporated by E.F. in its contents: the game, the sport, the dance, the gymnastics and the fight. This article focuses on the struggle, in the sense of humanity's bodily cultural. Defined by the PCNs as: disputes in which the opponent (s) must be subjugated (s), through techniques and strategies of imbalance, contusion, immobilization or exclusion of a certain space in the combination of offensive and defensive actions. Fights are known to promote benefits in motor, cognitive and social development. Supported by the philosophy of non-aggression and self-control. Allowing the formation of a more integral human being. The current study aimed to analyze the teaching of struggles in public schools in the Federal District (DF). Fifty E.F. teachers, working in elementary school, were measured through an online questionnaire, produced on the Google Forms platform, and sent via email to the participants. The teachers answered twelve questions with logical sequence of the answers, in order to verify the reality found in the DF. A descriptive analysis was used to compare the differences between the groups, and graphs were generated for each question. As a central result, it was found that only 40% of the measured teachers use the fights in the school E.F., that is, more than half (60%) do not teach the topic at school.

Keywords: Fights. Elementary School. Physical education. School. Martial arts.

Introdução

O ser humano é um ser social, que possui sua essencialidade no coletivo, contudo ao ser observado mais de perto, é possível distinguir a individualidade de cada pessoa, e ao mesmo tempo a identificação de um coletivo que o cerca (MIRANDA, 1993). A relação entre seres humanos gera um coletivo denominado sociedade. Toda sociedade possui seu *modus operandi*, sua constituição estrutural, onde cada indivíduo abre mão de uma parcela de seu poder para constituir um Estado. No Brasil, o Estado é formal, ou seja, possui como símbolo máximo de sua soberania a Constituição Federal de 1988 (C.F.88), sendo esta o fundamento legal para todas as normas que regem sua sociedade.

A C.F.88 traz em seu capítulo II, no artigo 6º, os Direitos Sociais, que possui como primeiro tópico elencado o direito a educação (BRASIL, 1988). E isso ganha ainda mais força quando a norma soberana explicita em seu Título VIII – da ordem social, no capítulo III, que trata da educação, da cultura e do desporto, descrito no artigo 205 que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, e será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa (BRASIL, 1988).

Como definição a educação compreende o conjunto dos processos formativos que ocorrem no meio social, podendo ser institucional, intencional, formal, ou não, como na figura da educação familiar, religiosa, cultural, o meio em que se vive e suas relações sociais (LOPES; TAVARES, 2014). Vamos nos ater a educação em sua forma institucional de promoção do desenvolvimento individual e de inserção social dos indivíduos, representada pela educação escolar, órgão que cumpre um dever que o Estado é obrigado a prestar (LOPES; TAVARES, 2014). A escola é um espaço para democratização do conhecimento humano, que deve estimular a reflexão crítica da realidade sócio-política fazendo com que o estudante conquiste sua autonomia, formando opiniões próprias a respeito da realidade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa (NUNES; SILVA, 2015).

A educação básica, aquela ofertada pela escola, tem como norma regente a Lei nº9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que elenca como componente curricular obrigatório a Educação Física Escolar (BRASÍLIA, 2005), disciplina esta que em teoria deve abranger os três tópicos do Capítulo III do título VIII, da C.F.88, a educação, a cultura e o desporto. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) definem quais os conteúdos devam ser trabalhados por esta área de conhecimento.

Os PCNs entendem a Educação Física como uma cultura corporal. Dentre as produções dessa cultura corporal, algumas foram incorporadas pela Educação Física em seus conteúdos: o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta (BRASIL, 1997). Passamos então a definição do conteúdo lutas.

O termo luta possui diversos significados como luta de classes, luta racial, luta ideológica, dentre outros. Porém no artigo em questão iremos nos limitar a análise da luta como manifestação cultural corporal da humanidade (NUNES; SILVA, 2015). Nesse sentido, os PCNs conceituam, os esportes de combate/luta como “são disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço com a combinação de ações ofensivas e defensivas” (BRASIL, 1997).

Para RUFINO e DARIDO, 2013, a luta corporal é uma relação de contraposição, habitualmente entre duas pessoas, as quais realizam ações com o objetivo de prevalecer a outra. Possuindo características próprias que a difere dos demais esportes, sendo alvo seu próprio adversário de luta. Sabendo-se que a possibilidade de finalização do ataque deve ser mútua, podendo ser simultânea, contando com uma carga alta de imprevisibilidade (RUFINO; DARIDO, 2013). Essa simultaneidade e imprevisibilidade são diferentes dos esportes coletivos tratados por Bayer, 1994, por exemplo, enquanto nestes as relações de ataque e defesa são muito bem estabelecidas por quem tem a posse da bola, nas lutas essa clareza não se faz tão presente, pois diversas vezes é difícil diferenciar quem está de fato atacando e quem está defendendo, por ser um esporte simultâneo com constante oposição de forças (GOMES *et al.*, 2010).

A classificação das lutas segundo LOURENÇO FILHO, 2018, dar-se-a em curta, média e longa distância. Curta distância implicam no agarramento do adversário, sendo representadas por técnicas de quedas, torções, chaves e imobilizações. Para a média distância são destacados os golpes como socos, chutes, cotoveladas, joelhadas e suas respectivas defesas. Já a luta de longa distância é caracterizada pelo domínio e manuseio de implementos de combate, como bastões e espadas. No artigo de GOMES *et al.*, 2010, o autor classifica as lutas de forma semelhante, em luta com agarre, luta com golpes e luta com implementos.

As lutas de curta distância, são em sua essência desequilibrantes, e utilizam sobretudo o agarre para a realização de tal feito, possuem como exemplos consagrados o judô, jiu jitsu, sumô. Nas lutas de longa distância, os implementos, como bastão ou espada, são utilizados para alcançar o objetivo, tocar no adversário, tendo como exemplos clássicos desta classe a

esgrima e o kendo. Já as lutas de média distância, em grande maioria traumatizantes, utilizam os golpes para chegar a este fim, sejam eles com punhos, a exemplo o boxe, ou com as pernas como o taekwondo, e de corpo inteiro como karatê e o kung fu (LOURENÇO FILHO, 2018).

Nestes dois últimos exemplos, temos a presença de um ramo das lutas denominadas Formas, que são uma combinação de movimentos técnicos tradicionais coreografados e sistematizados, arranjados em uma sequência pré-estabelecida, que existem em algumas práticas de lutas, no karatê são os katas e no kung fu são os katis, por exemplo. Estes não compartilham da imprevisibilidade do combate, consistem na aplicação de golpes em um adversário imaginário, ou na presença de adversários reais que atuam como companheiros durante a execução (GOMES *et al.*, 2010),(RUFINO; DARIDO, 2013).

A prática das formas está mais presente nas artes marciais, a arte marcial é apenas um dos vários sentidos da luta. Na epistemologia da palavra o nome marcial sofre influência do latim marte, o deus da guerra para os Romanos (NUNES; SILVA, 2015). Esse ramo das lutas possui uma forte influência do bushidô (uma filosofia de combate constituída de sete virtudes ético-morais: justiça, honra, sinceridade, lealdade, coragem, cortesia e benevolência), muito presente na cultura oriental (LOPES; TAVARES, 2014).

As lutas são um grande arcabouço histórico da cultura corporal da humanidade, carregada de significados, como a exemplo da luta típica brasileira, realizada em festivais indígenas o “Huka Huka”, e a crescente presença das lutas como modalidade esportiva na mídia, em eventos como o UFC (Ultimate Fight Championship), presentes também em desenhos animados, filmes e séries de super heróis. A situação é que a todo tempo os adolescente e jovens estão em contato com essa cultura corporal, e negligenciar seu ensino na educação física escolar prejudicaria o pleno desenvolvimento da pessoa, suprimindo ferramentas para a sua inserção na sociedade (NUNES; SILVA, 2015).

O estudo de Nunes 2015, afirma que no espaço de intervenção escolar o tema/conteúdo de lutas é pouco acessado e, inclusive, o seu trato pedagógico suscita questionamentos e preocupações diversas por parte dos profissionais de Educação Física (NUNES; SILVA, 2015). Já Lourenço Filho, 2018, expõe que as aulas de luta visam somente o aspecto competitivo destas, negligenciando severamente o desenvolvimento de outras possibilidades de vivência corporal, cognitiva e social (LOURENÇO FILHO, 2018). Segundo Rufino e Darido, 2015, em seu estudo de um coletivos de autores, afirma que entre as diversas manifestações da cultura corporal de movimento, as lutas têm suscitado dúvidas aos professores durante a prática pedagógica, seja por dificuldades no domínio destes conteúdos,

ou por desconhecimento e preconceito com relação a essas práticas, ou ainda devido a produção acadêmica insuficiente que possa subsidiar as ações profissionais (RUFINO; DARIDO, 2015).

No estudo de Ferreira, 2006, foram aplicados 50 questionários aos professores da rede de ensino infantil, fundamental e médio de Fortaleza – CE, onde 16 (32%) afirmaram que utilizavam as práticas das lutas em suas aulas e 34 (68%) relataram que jamais recorreram às aulas com esses conteúdos. Os que responderam negativamente (34 professores - 68%) afirmaram que o motivo de não utilizarem as práticas das lutas foram: que não tinham instrução para lecionar tal atividade (quatorze - 41,17%); que a escola não oferecia condições estruturais para a realização das práticas de lutas (oito - 23,52%); que achavam que o conteúdo de lutas era inadequado para o ambiente escolar (seis - 17,64%); e que não havia especialistas disponíveis para receber ajuda sobre o tema (seis - 17,64%). Isso deixa claro que há dificuldades para a prática de lutas no meio escolástico que precisam ser transpostas (FERREIRA, 2006).

Como observado nos estudos anteriores o ensino das lutas no ambiente escolar muitas vezes tem sido negligenciado ou subutilizado, seja por falta de instrução dos professores, que atuam como mediadores na transmissão dos conhecimentos, seja por falta de locais adequados, ou ainda por preconceito sobre a utilização da temática na escola, quando não, por uma abordagem reducionista da temática, que raramente ocorre. Possivelmente o conteúdo lutas está sendo negligenciado no ambiente escolar, e isso esbarra diretamente na construção de um indivíduo integral, que se apropria de diversos conteúdos históricos e culturais em sua formação, entrando em choque com direitos adquiridos de todo povo brasileiro, e expressos na C.F.88 o direito a educação, a cultura e o desporto.

Dada a caracterização das lutas, e analisado sua importância como cultura corporal da humanidade, surge o questionamento, será que esta área de conhecimento está sendo de fato ministrada na educação física escolar?

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo analisar o ensino das lutas em escolas públicas de ensino fundamental no Distrito federal (DF), passando por objetivos específicos dentro desse tema, como verificar se o ensino de lutas está ocorrendo nas escolas públicas do DF, avaliar quais as possíveis limitações para o ensino desta temática, e discernir a forma como esse conteúdo é trabalhado no ambiente escolar.

Métodos

Delineamento do estudo e amostra

Com a delimitação do problema centrado nos objetivos anteriormente citados, foi utilizado uma abordagem quantitativa, de caráter descritivo, através de uma pesquisa de campo, tendo como técnica de coleta de dados um questionário estruturado. Com o objetivo de colher informações diretas dos professores de educação física da rede pública de ensino do Distrito Federal (GOMES *et al.*, 2010)(RUFINO; DARIDO, 2015). Tendo como base a definição de questionário: “Um instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas estruturadas, respondidas diretamente pelos avaliados (CHEAR *et al.*, 2011)”.

O conteúdo amostral foi obtido através do *sítio* eletrônico da Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal (SEEDF), onde foram delimitados 14 Centros Regionais de Ensino (CRE) do DF, sendo eles: Brazlândia; Ceilândia; Gama; Guará; Núcleo Bandeirante; Paranoá; Planaltina; Plano Piloto; Recanto das Emas; Samambaia; Santa Maria; São Sebastião; Sobradinho; Taguatinga. Totalizando 25 Regiões Administrativas a serem investigadas. Para reduzir o campo amostral e enquadrar a pesquisa aos objetivos previamente propostos, delimitou-se como objeto de análise os Centros de Ensino Fundamentais (CEF) da rede pública de ensino do DF, totalizando 154 CEFs, dentre estes 15 estão localizados em zona rural, e os demais 139 estão localizados em área urbana.

Os seguintes critérios de inclusão foram utilizados: a) A escola deve ser um centro de ensino fundamental da rede pública de ensino; b) O professor avaliado deve ser formado em Educação física; c) A escola deve fazer parte dos Centros Regionais de Ensino do DF. Os seguintes critérios de exclusão foram adotados: a) escolas fora da jurisdição do DF; b) escolas não listadas no *sítio* oficial da SEEDF; c) escolas não classificadas como CEF; d) professores ou profissionais não formados em Educação física.

Para tornar viável a pesquisa o tamanho da amostra foi determinado por meio de uma calculadora digital para cálculo amostral do *sítio* eletrônico (NETQUEST, [s. d.]) do total de 154 CEF's, que é o tamanho do universo da pesquisa, assumido como simetria 154 professores, sendo 1 para cada CEF, considerando uma heterogeneidade de 5%, uma margem de erro de 5% e um nível de confiança de 95%. Chegou-se a uma amostra de 50 indivíduos. Foram considerados professores aptos à pesquisa aqueles que atuam no Ensino Fundamental, compreendendo Anos Iniciais (do 1º ao 5º ano) e Anos Finais (do 6º ao 9º ano), da rede pública de Ensino do Distrito Federal (DF).

Procedimentos para coleta de dados

O contato inicial foi feito por meio de telefonemas, com números disponibilizados no *sítio* eletrônico da SEEDF, ou *email* institucional disponível na plataforma anteriormente citada. A partir daí os questionários foram respondidos via *email* pessoal, dos professores de educação física, integrantes do grupo amostral. Excluindo-se os estagiários não formados atuantes nos centros de ensino.

Cuidados éticos

Para que a pesquisa tivesse início foram assegurados a fidedignidade dos pesquisadores e do instrumento de pesquisa. O sigilo, a privacidade e a confidencialidade foram rigorosamente seguidos. Sendo desvinculada qualquer correlação das respostas obtidas com a figura do avaliado. Os dados coletados estão sob a responsabilidade do pesquisador e permanecerão guardados por cinco anos de acordo com as normas da resolução 466/12 que regulam este fim.

Todos os avaliados assumiram um termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo 1) contendo os procedimentos e os objetivos da pesquisa, sendo-lhes garantido o direito de livre escolha à participação ou não desta. Ao final das coletas foram disponibilizados *email* e telefone para possíveis esclarecimentos acerca da pesquisa.

A aplicação dos questionários foi ministrada pelo pesquisador/autor do trabalho, profissional de Educação Física.

Instrumento

O questionário foi formulado no *software online* livre do *Google Forms*, que após finalização foi encaminhado aos respectivos professores via *email*.

Os dados foram divididos em oito blocos de perguntas mais o termo de consentimento livre e esclarecido. O primeiro bloco de questões trata da caracterização do avaliado, sendo composto por cinco perguntas.

Os seis blocos subsequentes têm respostas objetivas que investigam o contato do professor com a temática e relacionam a prática de ensino das lutas ao ambiente escolar, sendo compostos por nove perguntas. O último bloco tem caráter subjetivo solicitando a citação de três modalidades de lutas adequadas a educação física escolar. O questionário segue um encadeamento sequencial, direcionando o avaliado às questões subsequentes de acordo com sua resposta (Anexo 2).

O primeiro questionamento foi se o professor pratica ou já praticou alguma modalidade sistemática de luta por mais de seis meses. A depender da resposta, se positiva, o questionário direcionava para uma exemplificação das lutas por eles praticadas, porém com uma resposta negativa o questionário avançava para as demais perguntas.

A pergunta seguinte era se o professor tinha ou não experiência com o ensino de lutas, vale ressaltar que essa experiência de ensino foi considerada de forma ampla, como academias e clubes. Prosseguindo no questionário, a pergunta subsequente foi se o professor de educação física teve alguma disciplina durante sua graduação voltada ao ensino das lutas.

A pergunta chave avaliava a utilização de lutas nas aulas de educação física. E limitava o questionamento ao ensino de lutas na educação física escolar, como um ato rotineiro ou comumente utilizado. Para aqueles que responderam positivamente, o questionário direcionou a uma segunda pergunta, que visava compreender quais as estratégias eram utilizadas por eles no ensino da temática lutas no ambiente escolar. Com a resposta negativa, o questionário direcionava a uma justificativa para a não adoção da temática.

Dando prosseguimento a pesquisa, no intuito de compreender a visão dos professores de educação física, foi realizado uma pergunta categórica do que seria luta para ele. Foram disponibilizadas três opções de respostas.

Questionou-se a possibilidade de trabalhar lutas no Ensino fundamental, àqueles que responderam negativamente, o questionário avançava, e para aqueles que refutaram positivamente, o questionário os direcionava a uma citação de três lutas que consideram mais adequadas, do ponto de vista pedagógico, para a educação física escolar.

As duas últimas perguntas do questionário visavam avaliar se o professor considera que a prática de lutas gera violência, e se ele achava que seus alunos se tornariam mais agressivos ao praticarem lutas. O instrumento investigativo foi estruturado com base nos estudos de Rufino, 2015 e Ferreira, 2006.

Após a coleta de dados, foram analisados cada bloco de perguntas, e suas respectivas respostas. Foi gerado uma comparação estatística descritiva e de frequência para cada item.

Análise estatística

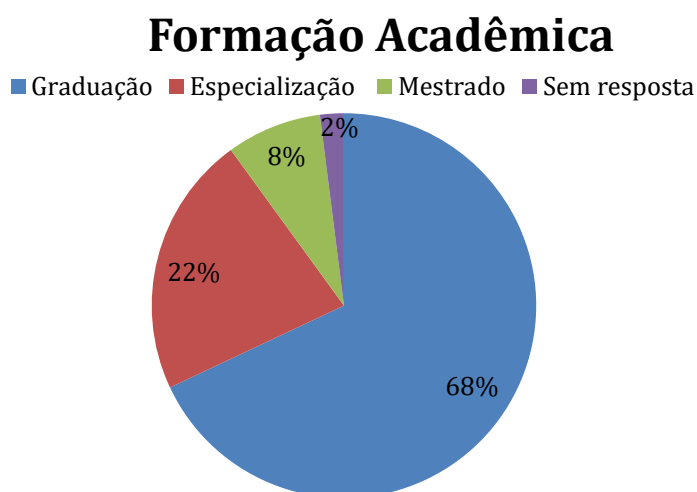
Utilizou-se a estatística descritiva por meio de gráficos de setores para verificar a prevalência das respostas.

Resultados

A caracterização da idade amostral, apresentou-se de forma bastante heterogenia. Com 3 voluntários (24 – 31 anos); 5 (32 – 34 anos); 8 (35 – 37 anos); 5 (38 – 41 anos); 6 (44 – 45 anos); 3 (46 – 49 anos); 5 (50 anos); 4 (51 – 53 anos); 4 (54 – 55 anos); 4 (56 – 57 anos); 3 (58 – 59 anos). A maior prevalência em idade foi de 35 a 38 anos.

No gráfico 1 constam as formações acadêmicas dos voluntários, sendo que a maioria possui graduação em Educação Física, contando com 34 voluntários, representando 68% da amostra, seguido de especialização com 11 voluntários, 22% da amostra, ressalva-se que foi considerado como especialização a pós graduação *Lato Sensu*. Com a titulação em mestrado foram 4 sendo 8% da amostra, e apenas 1 sem resposta (2%).

Gráfico 1. Formação Acadêmica.



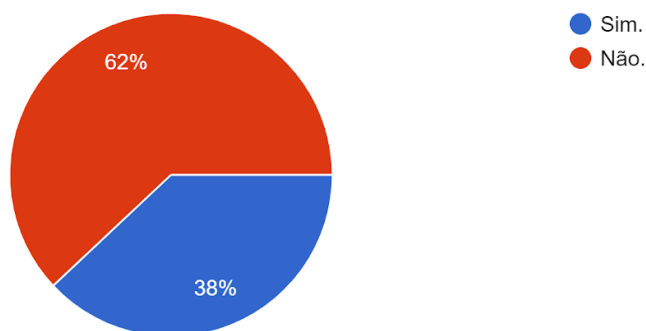
Foram analisadas as vivências dos professores de educação física com a temática lutas. O primeiro questionamento foi se o professor pratica ou já praticou alguma modalidade sistemática de luta por mais de seis meses.

Dentre as respostas para este primeiro questionamento temático, 62% dos avaliados afirmaram que não praticam ou não praticaram qualquer tipo de luta sistematicamente estruturada por mais de seis meses (vide gráfico 2). Como resposta positiva ao questionamento foram 38%, totalizando 19 praticantes de lutas. Desses 19, alguns praticavam mais de uma modalidade distinta, um deles praticava ou praticou 5 modalidades de lutas, quatro deles praticavam 3 modalidades, cinco deles praticavam 2 modalidades, oito praticavam apenas uma, e ocorreu uma resposta inadequada ao questionamento.

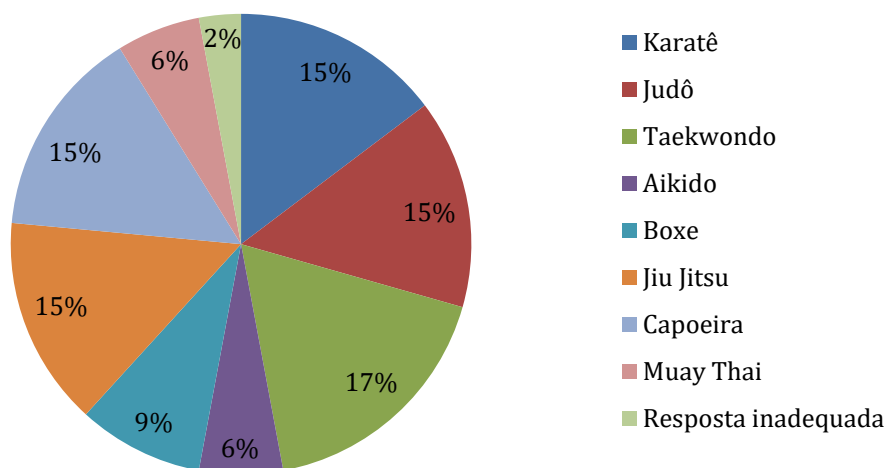
Gráfico 2. Prática em lutas.

Já praticou ou pratica alguma modalidade de luta sistematicamente por mais de 6 meses?

50 respostas



O gráfico 3 representa os percentuais de incidência na prática de determinada modalidade, dos praticantes(n) 17% (n=6) treinam taekwondo, 15% (n=5) treinam karatê, 15% (n=5) treinam judô, 15% (n=5) treinam jiu jitsu, 15% (n=5) treinam capoeira, 9% (n=3) treinam boxe, 6% (n=2) treinam aikido, 6% (n=2) treinam muay thai. O taekwondo foi a luta mais adotada pelos professores praticantes.

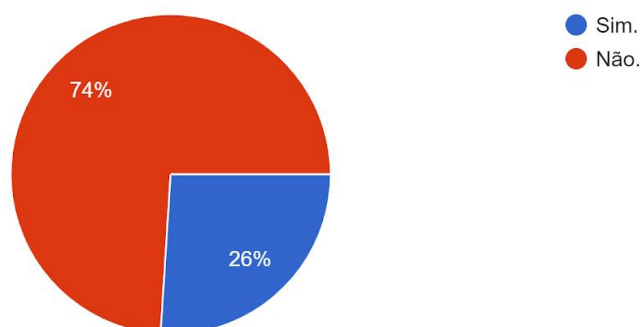
Gráfico 3. Lutas praticadas.**Lutas praticadas**

O questionamento seguinte era se o professor tinha ou não experiência com o ensino de lutas. E 74% (n=37) dos avaliados afirmaram não ter experiência com o ensino da temática, apenas 26% (n=13) disseram já ter ministrado aulas de lutas (gráfico 4).

Gráfico 4. Ensino de lutas.

Tem experiência com o ensino das lutas?

50 respostas

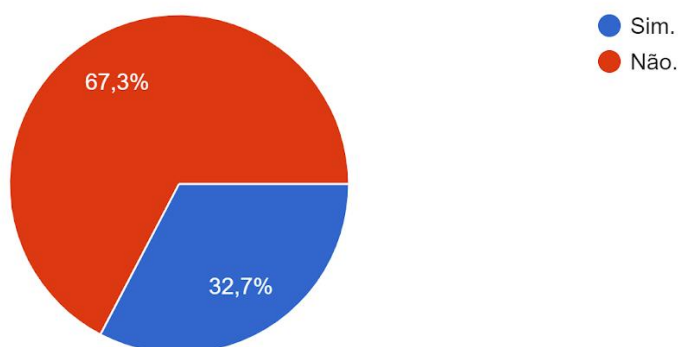


Prosseguindo na pesquisa, a pergunta subsequente foi se o professor de educação física teve alguma disciplina durante sua graduação voltada ao ensino das lutas. 67,3% afirmaram que não e 32,7% disseram que sim, e um não respondeu ao questionamento (gráfico 5). Vale ressaltar que o estudo não investigou se houve alguma capacitação ofertada pela SEEDF ou pelo Conselho Regional de Educação Física (CREF).

Gráfico 5. Contato com lutas na graduação.

Você teve alguma disciplina em sua graduação voltada ao ensino das lutas?

49 respostas

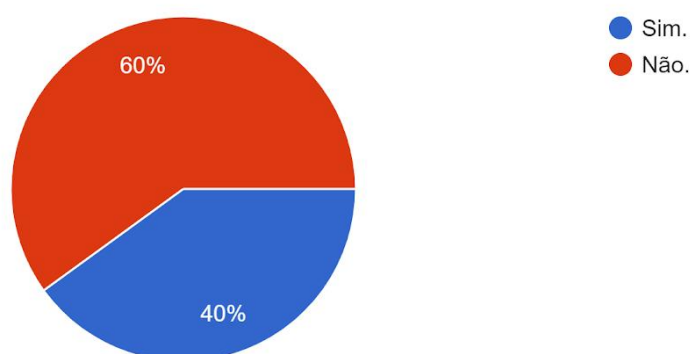


As respostas ao questionamento se os professores ensinam lutas em suas aulas de Educação Física escolar, mostrou-se da seguinte forma: 60% (n=30) dos professores afirmaram não utilizar a temática lutas em suas aulas, e 40% (n=20) disseram lançar mão dessa área de conhecimento nas aulas ministradas (gráfico 6).

Gráfico 6. Ensino de lutas na escola.

Você utiliza as lutas em suas aulas de Educação Física?

50 respostas

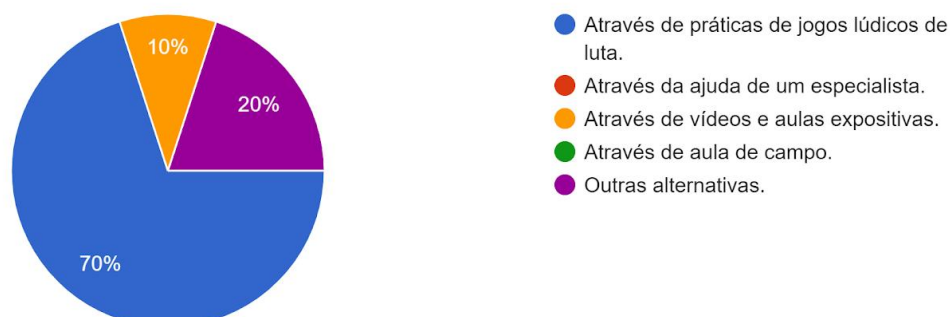


Dentre as estratégias utilizadas para a transmissão do ensino de lutas, divididas em cinco tópicos: através de práticas de jogos lúdicos de luta; através da ajuda de um especialista; através de vídeos e aulas expositivas; através de aula de campo; e por fim outras alternativas (gráfico 7). 70% (n=14) dos avaliados responderam que ensinam lutas através da prática de jogos lúdicos, 10% (n=2) disseram fazer uso de aulas expositivas e vídeos ilustrativos para a transmissão do conhecimento, e os demais 20% (n=4) afirmaram que usam outras estratégias para ensinar a temática.

Gráfico 7. Estratégias de ensino.

Se a resposta for positiva, qual dentre essas estratégias você mais utiliza?

20 respostas



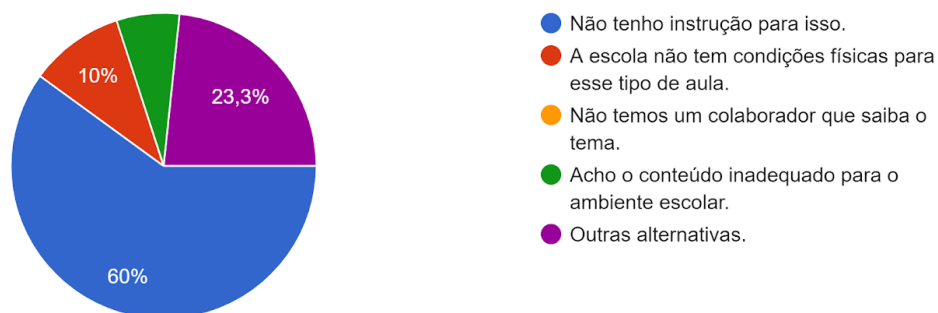
Aos que responderam negativamente (n=30) buscou-se uma justificativa para tal, sendo disponibilizadas cinco alternativas: Não tenho instrução para isso; a escola não tem

condições físicas para esse tipo de aula; não temos um colaborador que saiba o tema; acho o conteúdo inadequado para o ambiente escolar, e por fim, outras alternativas (gráfico 8). Em meio as justificativas 60% (n=18) afirmaram não ter instrução adequada para ministrar esse tipo de aula, 10% (n=3) disseram que a escola não tem estrutura física para que esse tipo de aula seja ofertada, e 6,7% (n=2) afirmaram que este conteúdo não é adequado para o ambiente escolar e por fim 23,3% (n=7) disseram que se trata de outra justificativa.

Gráfico 8. Justificativas.

Se a resposta for negativa, qual dentre essas estratégias você mais utiliza?:

30 respostas

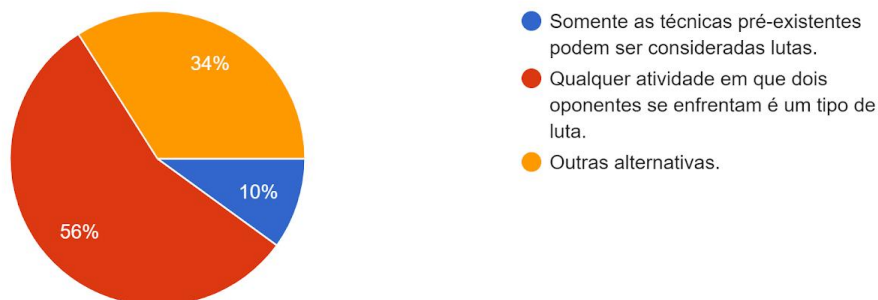


No intuito de compreender a visão dos professores de educação física, foi realizado uma pergunta do que seria luta para ele, disponibilizando-se três tipos de respostas objetivas, divididas em, lutas é: somente as técnicas pré-existentes podem ser consideradas lutas; qualquer atividade em que dois oponentes se enfrentam é um tipo de luta; e outras alternativas.

Gráfico 9. Classificação de lutas.

O que você considera lutas?

50 respostas

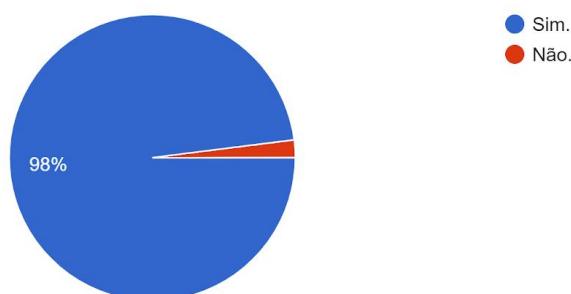


O gráfico 9 apresenta as porcentagens dessas três respostas, a maioria das respostas, 56% (n=28), afirmaram que lutas é qualquer atividade em que dois oponentes se enfrentam, outros 34% (n=17), reiteraram que somente as técnicas pré-existentes podem ser consideradas lutas, e os demais 10% (n=5) consideraram lutas como sendo outra alternativa, não se enquadrando nas duas classificações genéricas apresentadas.

Foi feito uma indagação, que é diretamente conflitante com o abordado no gráfico sete. Tal pergunta, foi: é possível trabalhar com lutas no Ensino Fundamental? E de forma díspar, 98% (n=49) responderam que sim, apenas 2% (n=1) afirmou não ser possível abordar esta temática em âmbito escolar (gráfico 10). Foi solicitado a citação de três lutas, consideradas por eles, mais adequadas à educação física escolar.

Gráfico 10. Possibilidade de se abordar lutas no Ensino Fundamental.

É possível trabalhar com lutas no Ensino Fundamental?
50 respostas



Entre as citações das modalidades obteve-se 129 citações, de 47 respostas, dois participantes não declararam e um respondeu negativamente, portanto não se inseria nesta etapa. Das respostas obtidas, oito professores responderam em uma quantidade inferior ao solicitado, quatro professores citaram apenas uma modalidade e quatro apenas duas. Um professor mencionou a capoeira três vezes como modalidade adequada. Outro professor mencionou em uma de suas três respostas o gênero lutas de solo (genêricas), para evitar divergências, criou-se uma classe somente para ela, sem enquadrar a resposta nas categorias como judô, jiu jitsu, submission, greco romana, entre outras.

Dentre as respostas de maior prevalência estão o judô, com 39 citações, seguida da capoeira com 32 citações e em terceiro lugar o karatê com 18 citações (tabela 1). Das respostas obtidas três chamaram a atenção por seu conteúdo, uma delas foi a luta indígena, comumente conhecida como Huka Huka, modalidade de combate genuinamente brasileira.

As outras duas respostas que se destacaram foram a citação de jogos de oposição, sobretudo a resposta de um destes professores que elucidou de forma interina seu posicionamento quanto ao tema: “Trabalho com jogos de oposição, de combate, etc. Não acho adequado trabalhar modalidades na Educação Física Escolar e sim os princípios e fundamentos inerentes a todas as lutas”.

Tabela 1. Citações de Lutas.

Lutas Adequadas para Escola	
Nome da luta	Quantidade de citações
Judô	39
Capoeira	32
Karatê	18
Taekwondo	10
Jiu Jitsu	6
Greco Romana	5
Esgrima	4
Boxe	3
Kung Fu	2
Aikido	2
Jogos de oposição	2
Submission	1
Luta Indígena	1
Defesa pessoal	1
Sumô	1
Tai Chi Chuan	1
Lutas de solo	1

Caminhando para os dois últimos questionamentos do formulário, ambos voltados a entender com mais afinco a não utilização dessa categoria de conhecimentos da educação física no ambiente escolar por grande parte dos docentes. O primeiro consistia em saber se o professor considera que a prática de lutas gera violência, como resposta possível haviam três possibilidades de afirmação, sim (6% n=3), não (86% n=43) e sem opinião formada (8% n=4) (vide gráfico 11). De modo controverso a maioria das afirmações 86% disse que não consideram a prática de lutas por si só como geradora de violência, sendo que apenas 40% afirmaram utilizar as lutas em suas aulas de educação física, e dos que não a utilizam somente 6,7% acham o conteúdo inadequado para o ambiente escolar.

O último questionamento serviu para reinterar e complementar a pergunta feita anteriormente, desta feita, a pergunta foi se o professor acha que seus alunos se tornariam mais agressivos ao praticarem lutas. E reinterando os resultados obtidos anteriormente, 92%

(n=46) disseram que não, e somente 6% (n=3) afirmaram que sim, os demais 2% (n=1) disseram não ter opinião formada (gráfico 12).

Gráfico 11. Questionamento se a prática de lutas gera violência.

Você considera que a prática de lutas gera violência?

50 respostas

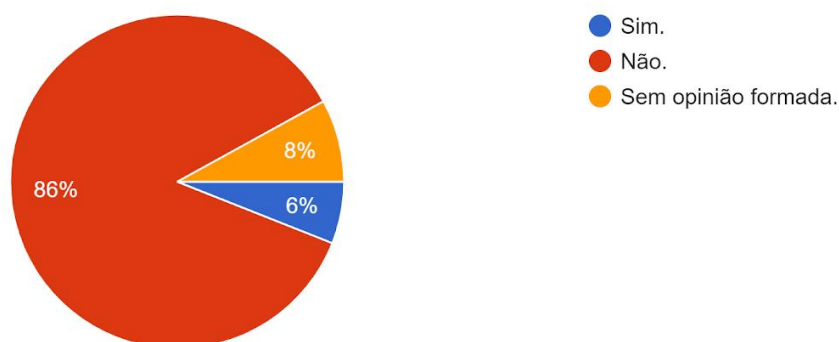
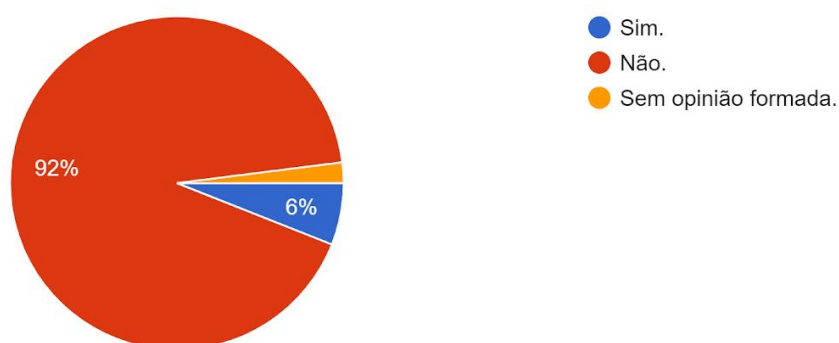


Gráfico 12. A prática de lutas gera agressividade?

Você acha que seus alunos se tornariam mais agressivos ao praticarem lutas?

50 respostas



Discussão

O objetivo desse estudo foi analisar o ensino das lutas em escolas públicas do Distrito Federal. Sendo o principal achado a utilização ou não das lutas nas aulas de Educação Física, da amostra de 50 professores distribuídos em unidades de ensino fundamental, anos iniciais e finais, da rede pública de ensino do DF, apenas 20 disseram lançar mão desse modalidade em suas aulas. Ou seja, 60% da amostra não leciona a temática na escola.

O estudo de (FERREIRA, 2006) segue uma linha semelhante, o autor utilizou uma amostra diversificada, segmentada entre ensino infantil, fundamental e médio. Do seu número amostral de 50 professores avaliados, apenas 16 afirmaram utilizar a prática de lutas, ou seja 68% de sua amostra não se apropria do tema.

Diante do exposto, a pesquisa visou esquadrihar os motivos da negligência ou desapropriação da temática luta nas aulas de Educação Física escolar. É sabido (PIAGET, 2010) que o ser humano é fruto do meio em que vive, e é constantemente por ele influenciado. Partindo dessa premissa, questionou-se aos professores, se esses praticam ou praticaram alguma modalidade de luta sistemática por mais de 6 meses, e apenas 38% responderam que sim. Seria esse um dos motivos da não apropriação?

Em conformidade com Piaget (PIAGET, 2010) a inteligência é uma constante subordinação dos meios e da aplicação dos meios conhecidos às novas situações. De certa forma o indivíduo reproduz uma imitação daquilo que assimilou. Seguindo essa lógica, não seria possível ensinar aquilo que não se assimilou em arcabouço cognitivo. O estudo de LOURENÇO FILHO, 2018, aponta para uma dificuldade dos professores de E.F. em ofertarem a modalidade lutas em suas aulas. Pois apesar de possuírem formação pedagógica falta-lhes elementos técnicos. Isso reforçou o achado da presente análise que apenas uma ínfima parcela dos professores praticam alguma modalidade de luta.

Mas a vivência prática é somente uma das vertentes de apropriação do conhecimento, de acordo com o estudo de LOPES e TAVARES, 2014, a identidade docente é construída pela experiência, formação e personalidade do professor. Atendo-se a formação, compreendida aqui como formação acadêmica, partindo do pressuposto que para participar do estudo era necessário ser professor de Educação Física, portanto possuir no mínimo a titulação de graduado. Foi questionado se eles tiveram alguma disciplina em sua graduação voltada ao ensino das lutas, e 67,3% dos avaliados disseram não ter tido tal disciplina. Somente 32,7% afirmaram ter vivenciado o conteúdo.

Isso é uma raiz deficiente na construção da árvore do conhecimento. Ou seja, além de não possuírem vivência prática de lutas, há uma clara negligência por parte dos centros de ensino superior em oferecer esse componente curricular obrigatório presente nos PCNs. Tendo em vista as Universidades possuírem o compromisso de sistematizar os conhecimentos das produções corporais humanas, além de proverem uma reflexão pedagógica sustentada na realidade escolar (NUNES; SILVA, 2015).

Entretanto, ao confrontar os resultados obtidos no questionamento de utilização das lutas com a aprendizagem da temática na graduação, percebemos que 7,3% utilizam as lutas em suas aulas mesmo não tendo amparo educacional durante o curso de graduação. O que vai de encontro com o estudo de Lopes et.al.,2014, que afirma ser esse processo construtivo um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e da construção e reconstrução permanente de uma identidade pessoal (LOPES; TAVARES, 2014). Para RUFINO e DARIDO, 2013, estar aberto à opiniões, recomendações e transformações condizentes com a realidade contemporânea permite uma transcendência nas formas de vivência dos conteúdos lutas, possibilitando experimentar o arcabouço de movimentos, histórias e culturas tão peculiares que constituem a prática.

Segundo o estudo de LOURENÇO FILHO, 2018, os autores acreditam que a partir da orientação de um professor capacitado, as lutas em sua pluralidade técnica e cultural podem contribuir para o desenvolvimento integral do indivíduo. Desse modo, apesar da falta de vivência prática e da deficiência acadêmica serem fatores preponderantes, não são determinantes. Pois uma postura reflexiva dos professores diante da prática educativa mostra uma intencionalidade pedagógica sensível às problemáticas sociais às quais se inserem (LOPES; TAVARES, 2014).

Voltando a pergunta chave, sobre o uso das lutas nas aulas, àqueles que responderam positivamente, foi-se questionado qual estratégia de ensino era mais utilizada por ele. Dentro das 20 respostas positivas, 70% afirmaram que ensinam a temática por meio de jogos lúdicos de luta, 10 % usam vídeo aulas expositivas, e os demais utilizam outras estratégias.

Se comparado ao estudo de FERREIRA, 2006, onde 50% dos professores utilizavam vídeo aulas (a grande maioria), 31,25% ministravam com a ajuda de especialistas e apenas 12,5% lançavam mão da prática recreativa. A realidade pedagógica do DF estaria um passo a frente tendo em vista a prática lúdica ser mais adequada ao ambiente escolar. Pois a ideia central não é formar atletas e sim indivíduos capazes de apropriar-se da cultura e conteúdo temático, sendo capazes de uma inserção social eficaz.

Conforme LOURENÇO FILHO, 2018, a infância/adolescência deve ser vista como uma fase de descobertas e não de repetições exaustivas. A priorização da busca pela vitória, por meio de um treinamento esportivo, centrado nos resultados, negligencia uma abordagem de preceitos éticos, morais e de valores inerentes à prática, como a disciplina e o respeito ao próximo e à figura do professor (peça chave na formação integral do estudante). Tais autores propõem uma metodologia pedagógica que utiliza brincadeiras para ensinar lutas. Chamando

a atenção para a necessidade do professor abordar a agilidade, resistência, aspectos culturais, e reflexivos além de outros valores importantes, não só reproduzir o lúdico pelo lúdico (LOURENÇO FILHO, 2018).

Em consonância com RUFINO e DARIDO, 2013, ter uma abordagem reducionista centrada na repetição analítica de gestos técnicos e que desconsidera as incorporalidades individuais e as interações presentes em todos os agentes formadores do processo de ensino e aprendizagem, não permite que os estudantes atinjam atitudes críticas e criativas, formando conhecimentos destituídos de significação real.

Em contrapartida, aos que manifestaram resposta negativa para a utilização das lutas em suas aulas escolares, foi-se questionado o porquê da não apropriação. E a grande maioria (60%) respondeu que não possui instrução adequada para ministrar uma aula de lutas. 10% acredita que a escola não possui condições físicas para esse tipo de aula, e 6,7% acha o conteúdo inadequado para o ambiente escolar.

De semelhante modo, o estudo de FERREIRA, 2006, também apontou para uma prevalência (41,17%) da justificativa deficitária de instrução para a não aplicação da temática lutas em aulas. Mas o que chama a atenção nesse estudo é o número de professores que afirmaram ser o conteúdo das lutas inadequado ao ambiente escolar (17,64%).

Diante do exposto, a presente investigação procurou compreender o que os professores consideram como sendo lutas, foi-lhes dado três alternativas, 10% disseram que lutas são somente as técnicas pré-existentes e sistematicamente estruturadas. 34% afirmaram ser outras alternativas que não as presentes. E paradoxalmente a grande maioria (56%) positivaram ser lutas qualquer atividade em que dois oponentes se enfrentam.

Segundo o autor GOMES *et al.*, 2010, as lutas são uma prática corporal impremeditada em que duas ou mais pessoas trocam simultâneas ações ofensivas e defensivas com um objetivo móvel personificado no “oponente”. Ainda segundo o autor, as lutas podem ser classificadas de acordo com a distância pré existente entre os oponentes, sendo divididas curta, média e longa distância.

Já de acordo com os PCNs (BRASIL, 1997) as lutas são compreendidas como disputas combinadas de ataque e defesa, com técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço. Podem ser citados como exemplos: as brincadeiras de cabo de guerra e braço de ferro, além de práticas mais complexas como as lutas tecnicamente estruturadas, como a capoeira e o judô.

Ora, se lutas são uma atividade em que dois oponentes se enfrentam, a sua aplicação

não necessariamente precisaria de um aprofundado conhecimento técnico específico, isso contradiz a justificativa anteriormente citada de que não possuem instrução para ministrar uma aula de lutas.

No estudo de FERREIRA, 2006, ao questionar qual modalidade de luta seria mais adequada ao ambiente escolar, grande parte (24%) elegeu a capoeira como sendo a mais adequada, muito devido a sua raiz histórica e cultural ligada a própria história nacional. No presente estudo, quando foram solicitados a citarem três modalidades de lutas adequadas ao ambiente escolar, a capoeira teve 32 citações, ficando atrás somente do judô, com 39 citações. É perceptível que a capoeira possui uma importância significativa quando analisada como cultura corporal e espaço para discussões históricas e sociais.

Já o judô, apresenta-se dominante devido a sua grande influência midiática, como os jogos olímpicos, e a brilhante sistematização metodológica criada por Jigoro Kano no Japão, e que se difundiu por todo o Ocidente. No estudo de NUNES e SILVA, 2015, os autores buscaram trabalhar o judô de forma sistematizada, partindo de um entendimento geral e polissêmico sobre lutas, mas procurando continuamente trazer uma prática que relacionasse os princípios filosóficos e a historicidade do judô, englobando todo o contexto dessa prática.

Porém um dado relevante foi observado no estudo de FERREIRA, 2006, 24% de sua amostra consideraram que nenhuma luta deveria ser trabalhada na escola, já que poderia ser um gerador de agressividade. Visando compreender a realidade tida no DF, questionou-se aos professores se é possível trabalhar com lutas no Ensino Fundamental, e surpreendentemente 98% respondeu que sim, apenas 2% disseram que não. Ou seja, subentende-se no consciente dos professores que essa temática pode ser trabalhada na escola, mas por que não o fazem? Seria por medo de um fator gerador de violência como no estudo de Ferreira?

Tentando solucionar essa incógnita, foi perguntado se o professor considera que a prática de luta gera violência, e 86% afirmaram que não, 8% disseram não ter opinião formada sobre e 6% afirmaram que sim. Para somar ao achado foi-se questionado se os alunos tornar-se-iam mais agressivos ao praticarem lutas, e com um resultado ainda mais positivo, 92% afirmaram que não, apenas 6% disseram que sim e 2% não tinham opinião.

De acordo com NUNES e SILVA, 2015, os elementos pedagógicos das lutas resultam no autocontrole, diminuição dos processos de violência, além de um abrangente leque para a quebra de preconceitos e discriminações raciais, culturais e de gênero. Concluindo-se que o fator agressividade não é um empecilho para a ministração de lutas no ambiente escolar.

Conclusão

Os resultados presentes indicam que há uma supressão no ensino das lutas durante a Educação Física escolar na rede pública de ensino, mais especificamente no ensino fundamental, anos iniciais e finais. A literatura de Ferreira (2006), também relatou achados semelhantes. Salientando a violação dos PCNs e da C.F.88, por meio da não garantia de direitos individuais já positivados.

Ademais, há algumas evidências de que o processo de formação pedagógica dos professores de Educação Física (E.F), em sua maioria, está sendo negligente quanto a oferta de disciplinas que abordem a temática lutas durante os cursos de graduação em licenciatura.

A falta de aproximação com a temática e a deficiência na formação dos professores, exigem destes uma busca por capacitação. A análise de RUFINO e DARIDO, 2015, chamam a atenção para a necessidade de uma formação continuada dos professores, tornando-os cada vez mais conhecedores da profissão.

Todavia, como apresentado na análise feita, apesar de limitantes, a falta de conhecimento técnico não deve ser encarada como fator determinante. Pois as dificuldades podem ser geradoras de novas possibilidades e perspectivas (RUFINO; DARIDO, 2015).

A escola deve ser um espaço propício à democratização do conhecimento humano, possibilitando aos estudantes a aquisição da autonomia sobre diversas manifestações de conhecimentos inerentes a Educação Física (NUNES; SILVA, 2015).

A prática pedagógica mais adequada ao ambiente escolar seria a transmissão do conteúdo por meio de jogos lúdicos de luta, que contextualizem e signifiquem a prática. Sendo pensado em uma perspectiva global, com ênfase no processo cognitivos de leitura das lutas, com foco no desenvolvimento infantil/adolescente, e não nas modalidades de lutas pré-existent (GOMES *et al.*, 2010), (RUFINO; DARIDO, 2015), (LOURENÇO FILHO, 2018).

Os benefícios da prática de lutas são inúmeros, e estão presentes no campo do desenvolvimento motor (ganho de lateralidade, coordenação motora, equilíbrio e noção de espaço tempo), cognitivo (estimula o raciocínio, atenção e formulação de estratégias) e social (valorização da postura social, perseverança e respeito) (NUNES; SILVA, 2015).

A emancipação do estudante se faz presente quando o ser humano é capaz de combater de maneira consciente a alienação, sendo possível escolher entre caminhos e objetivos que aspiram, formando então um indivíduo representativo (MIRANDA, 1993).

Por fim, conclui-se que uma cadeia de eventos sucessivos vêm prejudicando o ensino das lutas no ambiente escolar, desde uma formação deficitária dos professores de E.F., passando por uma falta de vivência prática, até um desinteresse destes pela busca de uma formação continuada. O que por sua vez gera um desenvolvimento precário dos estudantes, com práticas rasas e descontextualizadas da realidade social. Privando-os de direitos constitucionalmente estabelecidos, a saber o direito a educação, cultura, desporto e a formação integral. Fazendo-se imperioso instituir a prática pedagógica das lutas com sentidos, sobretudo sentidos mais humanos.

Referências

- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. [S. l.: s. n.], 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm
- BRASIL, Secretaria De Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Ministério da Educação (MEC)**, [s. l.], p. 126, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>
- BRASÍLIA. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. [S. l.: s. n.], 2005.
- CHEAR, Galdino et al. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Malhotra**, [s. l.], n.7,p.251–266,2011.
- FERREIRA, Heraldo Simões. AS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. **Revista de Educação Física**, [s. l.], v. 135, p. 9, 2006.
- GOMES, Mariana Simões Pimentel *et al.* Ensino das lutas: Dos princípios condicionais aos grupos situacionais. **Movimento**, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 207–227, 2010.
- LOPES, Yúri Márcio E.Silva; TAVARES, Otávio. A ação-reflexão-ação dos saberes docentes dos mestres de karatê: Construindo indicadores para a transformação da prática pedagógica. **Revista da Educação Física**, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 67–79, 2014.
- LOURENÇO FILHO, Armando. A pedagogia do esporte aplicada às lutas. **Conexões**, [s. l.], v. 8, n. 3, p. 167–172, 2018.
- MIRANDA, IVANISE LEITE DE. CONSIDERAÇÕES SOBRE O INDIVÍDUO REPRESENTATIVO. **Paidéia, FFCRLP - USP, Rib.Preto.**, [s. l.], p. 1–21, 1993.
- NETQUEST. **Calculadora amostral eletrônica**. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.netquest.com/pt-br/obrigado-calculadora-tamanho-amostrai>.
-

Acesso em: **02 de mar. de 2019.**

NUNES, Caio; SILVA, De Oliveira. Sistematização do conteúdo luta nas aulas de educação física : O judô como possibilidade na prática pedagógica. [s. l.], p. 120–134, 2015.

PIAGET, Jean. **jean piaget- Alberto Monari**. Coleção Eded. [S. l.]: Massangana, 2010.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. O ensino das lutas nas aulas de educação física: Análise da prática pedagógica à luz de especialistas. **Revista da Educação Física**, [s. l.], v. 26, n. 4, p. 505–518, 2015.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 283–300, 2013.

Escolas Públicas do DF. Disponível em: <<http://www.se.df.gov.br/escolas-publicas-do-df/>>

Acesso em: **21 de jun. de 2019.**

Endereço para correspondência: Alyson da Fonseca Silva. QE 28 conjunto D casa 24, Guará II, DF, CEP 71060042. E-mail: alyson_nfs@hotmail.com


Anexos

Caro Professor(a), o (a) Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa ANÁLISE DO ENSINO DAS LUTAS EM ESCOLAS PÚBLICAS NO DISTRITO FEDERAL, que tem como objetivo analisar o ensino das lutas em escolas públicas de ensino fundamental (anos iniciais e finais) no Distrito Federal, e identificar se estas práticas são desenvolvidas e se não, quais as principais dificuldades em sua aplicação. Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos, aplicação de um questionário de oito (8) perguntas, aplicados aos professores de Educação Física atuantes nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental da rede pública de ensino do DF. O questionário não possui identificação do entrevistado, desvinculando as respostas a pessoa, minimizando qualquer tipo de constrangimento. Toda a pesquisa correrá em absoluto sigilo profissional. A pesquisa tem como benefício uma melhora na atuação educacional através da apresentação de seus resultados. O motivo deste convite é que o (a) Sr. (a) se enquadra nos seguintes critérios de inclusão: ser professor(a) de Educação Física atuante nos anos iniciais ou finais do Ensino Fundamental da rede pública de ensino do Distrito Federal. Para participar deste estudo, o (a) Sr. (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. O (A) Sr. (a) será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar, retirando seu consentimento ou interrompendo sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O (A) Sr. (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Este termo de consentimento encontra-se online anexado ao questionário também online. Sendo de domínio e conhecimento da Universidade de Brasília (UnB). Mediante a concordância na participação desta pesquisa declaram-se verídicas as afirmações aqui prestadas.

50 respostas



Anexo 1 – Termo de consentimento Livre e Esclarecido.



Seção 1 de 10

Questionário sobre: ANÁLISE DO ENSINO DAS LUTAS EM ESCOLAS PÚBLICAS NO DISTRITO FEDERAL

Trata-se de um questionário base de um trabalho de conclusão de curso em licenciatura pela Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília. Este possui oito perguntas que serão aplicadas aos professores de Educação Física nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental da rede pública de ensino do Distrito Federal.

Endereço de e-mail *

Endereço de e-mail válido

Este formulário coleta endereços de e-mail. [Alterar configurações](#)

Anexo 2 – Instrumento avaliativo utilizado.

Caro Professor(a), o (a) Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa ANÁLISE DO ENSINO DAS LUTAS EM ESCOLAS PÚBLICAS NO DISTRITO FEDERAL, que tem como objetivo analisar o ensino das lutas em escolas públicas de ensino fundamental (anos iniciais e finais) no Distrito Federal, e identificar se estas práticas são desenvolvidas e se não, quais as principais dificuldades em sua aplicação. Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos, aplicação de um questionário de oito (8) perguntas, aplicados aos professores de Educação Física atuantes nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental da rede pública de ensino do DF. O questionário não possui identificação do entrevistado, desvinculando as respostas a pessoa, minimizando qualquer tipo de constrangimento. Toda a pesquisa correrá em absoluto sigilo profissional. A pesquisa tem como benefício uma melhora na atuação educacional através da apresentação de seus resultados. O motivo deste convite é que o (a) Sr. (a) se enquadra nos seguintes critérios de inclusão: ser professor(a) de Educação Física atuante nos anos iniciais ou finais do Ensino Fundamental da rede pública de ensino do Distrito Federal. Para participar deste estudo, o (a) Sr. (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. O (A) Sr. (a) será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar, retirando seu consentimento ou interrompendo sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O (A) Sr. (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Este termo de consentimento encontra-se online anexado ao questionário também online. Sendo de domínio e conhecimento da Universidade de Brasília (UnB). Mediante a concordância na participação desta pesquisa declaram-se verídicas as afirmações aqui prestadas.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

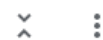
- ☐ Li e concordo.
- ☐ Não concordo.

Após a seção 1 Continuar para a próxima seção



Seção 2 de 10

Título da seção (opcional)



Descrição (opcional)

Caracterização do participante:

Descrição (opcional)

Idade:

Texto de resposta curta

Formação acadêmica:

Texto de resposta curta

Atuação profissional:

Texto de resposta curta

Experiências com as lutas:

Descrição (opcional)

Já praticou ou pratica alguma modalidade de luta sistematicamente por mais de 6 meses?

☐ Sim.☐ Não.

Após a seção 2 Ir para a seção 3



Seção 3 de 10

Título da seção (opcional)



Descrição (opcional)

Quais?

Texto de resposta longa

Após a seção 3 Continuar para a próxima seção



Seção 4 de 10

Título da seção (opcional)



Descrição (opcional)

Tem experiência com o ensino das lutas?

☐ Sim.☐ Não.

Você teve alguma disciplina em sua graduação voltada ao ensino das lutas?

☐ Sim.☐ Não.

Você utiliza as lutas em suas aulas de Educação Física?

☐ Sim.☐ Não.

Seção 5 de 10

Título da seção (opcional)



Descrição (opcional)

Se a resposta for positiva, qual dentre essas estratégias você mais utiliza?

- ☐ Através de práticas de jogos lúdicos de luta.
- ☐ Através da ajuda de um especialista.
- ☐ Através de vídeos e aulas expositivas.
- ☐ Através de aula de campo.
- ☐ Outras alternativas.

Após a seção 5 Continuar para a próxima seção



Seção 6 de 10

Título da seção (opcional)



Descrição (opcional)

Cite as outras alternativas:

Texto de resposta longa

Após a seção 6 Ir para a seção 8



Seção 7 de 10

Título da seção (opcional)



Descrição (opcional)

Se a resposta for negativa, qual dentre essas estratégias você mais utiliza?:

- ☐ Não tenho instrução para isso.
- ☐ A escola não tem condições físicas para esse tipo de aula.
- ☐ Não temos um colaborador que saiba o tema.
- ☐ Acho o conteúdo inadequado para o ambiente escolar.
- ☐ Outras alternativas.

Após a seção 7 Continuar para a próxima seção



Seção 8 de 10

Título da seção (opcional)



Descrição (opcional)

☐ O que você considera lutas?

- ☐ Somente as técnicas pré-existentes podem ser consideradas lutas.
- ☐ Qualquer atividade em que dois oponentes se enfrentam é um tipo de luta.
- ☐ Outras alternativas.

É possível trabalhar com lutas no Ensino Fundamental?

- ☐ Sim.
- ☐ Não.

Após a seção 8 Continuar para a próxima seção ▼

Seção 9 de 10

Título da seção (opcional) ✕ ⋮

Descrição (opcional)

Cite três lutas que você considera mais adequadas, do ponto de vista pedagógico, para a educação física escolar:

Texto de resposta longa

Após a seção 9 Continuar para a próxima seção ▼

Seção 10 de 10

Título da seção (opcional) ✕ ⋮

Descrição (opcional)

Você considera que a prática de lutas gera violência?

- ☐ Sim.
- ☐ Não.
- ☐ Sem opinião formada.

Você acha que seus alunos se tornariam mais agressivos ao praticarem lutas?

- ☐ Sim.
- ☐ Não.
- ☐ Sem opinião formada.